



# Samora descansa ao lado de Eduardo Mondlane!



Momento em que os membros do BP transportavam, a urna para a entrada da cripta, no Monumento aos Heróis Moçambicanos

A urna contendo os restos mortais de Samora Machel, Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, foi depositada na passada terça-feira na Praça dos Heróis, em Maputo, no final das cerimónias fúnebres que lhe foram prestadas. A abrir o cortejo que acompanhava a urna, dois oficiais transportavam uma fotogra-

fia ampliada, emoldurada, de Samora Machel. Dois outros oficiais traziam em seguida duas almofadas suportando os galões e o boné militar do Marechal da República, Samora Machel, enquanto demais oficiais transportavam condecorações nacionais e estrangeiras atribuídas ao malgrado em vida.

Passava já das doze horas quando o armão militar transportando a urna de Samora Machel chegou à Praça dos Heróis. Ia a enterrar o primeiro Presidente da República Popular de Moçambique, o seu fundador e pre-

cursor da construção da Nação moçambicana.

Oficiais gerais acercaram-se da urna, transportada numa carreta, que a levaria pela passarela que conduz à cripta. Atrás seguiam os familiares mais direc-

tos do Presidente, esposa, filhos e irmãos, enquanto outros familiares e parentes aguardavam perfilados próximo da entrada para a cripta.

Os membros do Bureau Político do Comité Central do Partido Fre-



A chegada à Praça dos Heróis, a urna foi retirada do armão militar por oficiais das FAM (FPLM) e colocada numa carreta



Delegações estrangeiras de todo o mundo estiveram presentes na Praça dos Heróis, acompanhando o Presidente Samora Machel à sua última morada

limo, consternados, vinham depois seguidos pelos membros da Comissão Permanente da Assembleia Popular. Outros dirigentes, permaneceriam no exterior da cripta, enquanto os membros do BP acompanhavam os familiares directos do malogrado dirigente, na sua viagem para a última morada.

#### A ÚLTIMA MORADA

Os oficiais generais transportando o seu Comandante-Chefe, já falecido, colocaram a respectiva urna num cacifo ao lado daquele que recolhe os restos mortais do fundador da FRELIMO e seu primeiro Presidente, Dr. Eduardo Chi-

vambo Mondlane. Ali, tal como nos radiosos tempos de esperar e lutar por um Moçambique independente, forte e próspero, esses dois heróis do nosso povo voltaram a estar lado a lado, desta vez para um descanso sem fim.

O cacifo foi selado com mármore, para em seguida Graça Machel e filhos depositarem flores em homenagem daquele que foi marido, companheiro e pai.

As delegações estrangeiras que às 11.20 horas haviam começado a chegar à Praça dos Heróis, terminada a cerimónia na Praça da Independência, encontravam-se postadas do lado direito do monumento, de onde seriam depois convidadas para, alguns com os olhos marejados, visitarem a última morada do malogrado dirigente moçambicano.

O primeiro dos Chefes de Estado estrangeiros a entrar na cripta, depois que saíram os familiares e membros do BP foi o Presidente Kenneth Kaunda, da Zâmbia, Líder africano dos primeiros a acusarem Pretória de estar por detrás da morte de Samora Machel. Kaunda é actualmente o Presidente da Linha da Frente.

Robert Mugabe, Primeiro-Mi-

nistro do Zimbabwe e Presidente do Movimento dos Países Não-Alinhados desceu em seguida ao interior da cripta, acompanhado por sua esposa, a ele seguindo-se os Presidentes Ali Hassan Mwinyi, da Tanzânia, José Eduardo dos Santos, Presidente de Angola e dos «cinco».

Foi depois a vez dos Presidentes Aristides Pereira, de Cabo Verde, João Bernardo Vieira, da Guiné Bissau, e Manuel Pinto da Costa, de S. Tomé e Príncipe. Foi, então que desceram também à cripta Chefes de Estado africanos dos países socialistas e de todas as partes do mundo, para igualmente renderem a sua homenagem ao falecido Chefe do Estado moçambicano.

### A DOR TRANSPARECIDA

A dor transparecia em todos os semblantes carregados. A indignação fez-se sentir, na Praça dos Heróis, quando a primeira das 21 salvas de canhão ressoou no espaço. Simultaneamente, as sirenes das fábricas, de navios e locomotivas soaram durante um minuto,

ao longo do qual, em pé, todo o país rendeu homenagem ao homem que conduziu o país à independência nacional.

As nuvens, de que se carregara o firmamento desde o dia anterior terça-feira última, descarregavam miúdo e intermitentemente chuva que nem por isso fez arredar quem quer que fosse. É de tradição que quando grandes homens vão a enterrar, a chuva faz a bênção. E assim foi.

A terra moçambicana que viu nascer Samora Machel recolhia-o assim como que a uma semente que vai germinar, e cujos ideais e obra a chuva veio regar. As crianças que circundavam a Praça, vestindo de vermelho, branco, azul e verde anunciavam essa certeza da vitória que o malgrado dirigente sempre soube transmitir e representar.

### QUANDO AMIZADE É IRMANDADE...

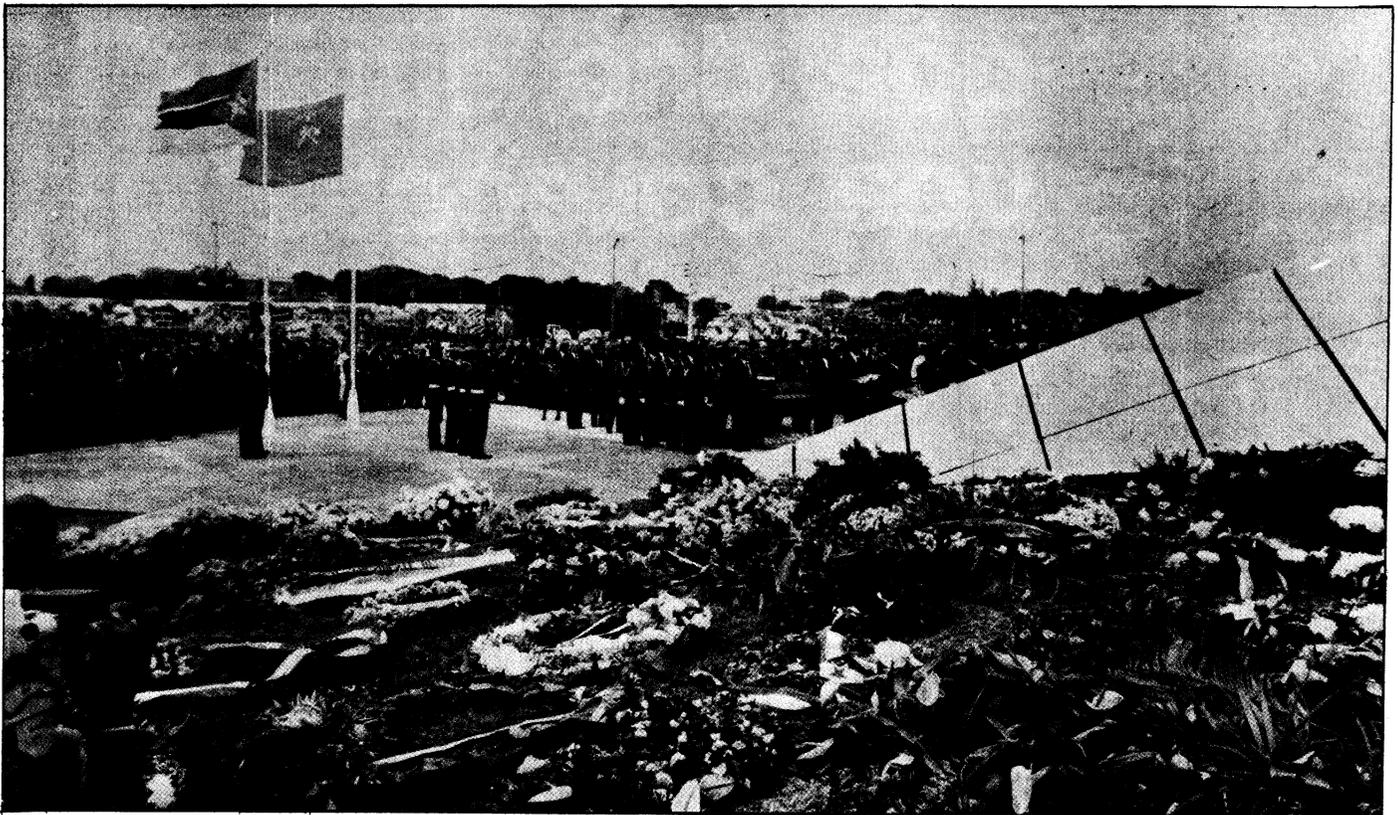
Desde a manifestação de estudantes logo após a morte brutal e trágica do Presidente Samora Machel em Harare, passando por

comícios e manifestações para chegar a múltiplas outras formas de solidariedade, o sentimento do povo zimbabweano mostrou-se de simpatia para com os moçambicanos e de revolta pelas causas que levaram à morte o Líder do nosso país.

Na Praça dos Heróis, perto de duzentas mulheres zimbabweanas cantavam evocando a memória do mais alto dirigente moçambicano ora falecido. Elas, haviam desembarcado naquela manhã vindas do seu país, onde veementemente manifestaram a sua vontade de estarem presentes nas cerimónias fúnebres daquele que era um irmão.

As mulheres zimbabweanas, trouxeram consigo mantimentos para o tempo que aqui passariam e não se preocuparam com atenção especial, uma vez que estavam conscientes das enormes ocupações com que se deparavam os moçambicanos. Mas vieram, testemunhando que a amizade entre dois povos pode assumir o valor da irmandade.

Tal ideia pode ser estendida a representações de outros países



E as flores engalanavam toda a área em redor do Monumento



Depositada a urna na cripta, seguiu-se a cerimónia de lavar as mãos, no Parque de Campismo; o respeito pelos rituais

visivelmente tocados pela morte do Presidente Samora Machel. É o caso dos Presidentes Thomas Sankara, de Burkina Faso, Jerry Rawlings, do Gana, de Daniel Arap Moi, do Quênia e de muitos outros.

A chegada das delegações estrangeiras à Praça dos Heróis Moçambicanos, despertou a atenção a filha do Presidente norte-americano, Maureen Reagan, acompanhada pelo representante diplomático do seu país em Moçambique, Peter Jon de Vos. Também dos Estados Unidos da América, esteve presente o reverendo Jesse Jackson, que há relativamente pouco tempo visitou o nosso país.

Yasser Arafat, Presidente do Comité Executivo da OLP, deitou lágrimas ao lado de outras figuras destacadas da luta pelo progresso e paz no mundo. Grande parte de todos estes líderes e personalidades políticas, prestou declarações às centenas de jornalistas de todo o mundo, pronunciando-se sempre com dor pela morte do Presidente Samora Machel e muitos outros acusando a África do Sul de estar por detrás do acontecimento.

#### CHORAR LÁGRIMAS QUE SÃO DETERMINAÇÃO

Antes do cortejo fúnebre partir do Conselho Executivo, percorremos o itinerário que aquele seguiria, apercebendo-nos da forma pro-



Pelas ruas, o povo chorou

funda como o povo chorava o seu Líder. Nas avenidas Ho Chi Min, Karl Marx, Eduardo Mondlane, Guerra Popular e Acordos de Lusaka, as pessoas abriam alas empunhando dísticos, cartazes e bandeirolas pretas e vermelhas.

Trajando predominantemente de preto e outras cores escuras, o povo chorava ao mesmo tempo que proclamava a sua vontade e determinação de continuar a luta pelos ideais e pelo ideário por que morreu Samora.

Nos dísticos, podia-se ler que enganaram-se os inimigos que «assas-

sinando-te pensaram ter erradicado o teu sonho de Moçambique». Outros, diziam apenas que a «luta continua», e que «Samora não morreu porque será eternizado pelo povo moçambicano». Os estrangeiros residentes também perfilavam-se aqui e acolá, lado a lado com os nacionais, para renderem homenagem à passagem dos restos mortais do fundador da República Popular de Moçambique.

#### RESPEITAR A TRADIÇÃO

Terminadas as cerimónias na Praça dos Heróis, uma pequena pausa separou esse momento e um reencontro no Parque de Campismo, próximo da Praia da Costa do

Sol, onde procedeu-se ao tradicional ritual de lavar as mãos.

Esta cerimónia consiste num encontro para servir um chá ou outra refeição depois de se proceder à sepultura do defunto. Bacias e sabões estavam dispostos à entrada do local onde se realizou a cerimónia para que todos lavassem as mãos à chegada. Estava assim respeitada a tradição e cumprido um ritual da nossa vida como moçambicanos e africanos. □